



2015 ANO DO NOSSO XII ENCONTRO

Dia 29 de agosto



Grandes emoções

Do último Encontro para cá, quanta novidade! Pontifica em Roma o nosso Papa Francisco e a Igreja se enche de esperança. É um latino dos nossos, um Papa que tem um sorriso aberto, prima pela simplicidade, pelo amor aos pequeninos e doentes, arauto da Misericórdia do Senhor! Quem poderia imaginar a renúncia de um Pontífice?

No espaço os cientistas conseguem pousar sonda num planeta inacessível. A Ciência estuda novos medicamentos para vencer doenças e muitas delas já estão com os dias contados. Seres artificiais, criados pela biologia sintética conquistam mercados na alimentação e na saúde, "et ita porro"...

Mas, (tem sempre um mas), a Alemanha nos surpreendeu com 7X1, a Petrobras nos encheu de vergonha, as eleições, de promessas, a água está causando temores (vai faltar?), a violência está se banalizando, a intolerância, o racismo, o fanatismo que pareciam costumes medievais estão presentes: "mundo vasto mundo, se eu me chamasse Raimundo, seria uma rima, não uma solução"...

Porém, o mundo não está perdido. Quanta coisa boa acontece! Quanta gente dedicada ao serviço do irmão, quanta generosidade, quanta benemerência...infelizmente o mal chama mais

atenção, vende mais jornal, abastece a mídia.

Neste 2015, por exemplo, a grande família do Ibaté, está feliz, na expectativa do seu XII ENCONTRO. É um acontecimento de alto valor espiritual, sentimental e muito real. E o tema desta comemoração é a **PERSEVERANÇA**.

Perseverantes desde 1993 nos reunimos, religiosamente, de dois em dois anos, permeados pelos jantares das Primeiras Sextas-Feiras.

Perseverantes voltaremos ao nosso Seminário, para percorrer, novamente seus corredores, adentrar as salas de aula, rezar em nossa Capela, correr em nosso pátio, mas tudo isto, rodeado pelos nossos colegas de turma ou contemporâneos e pelas amizades que fizemos por afinidade de propósitos e de ideal. Abraçar, recordar, reviver e voltar refeitos para mais uma etapa de nossa vida.

Portanto não é um convite. É uma **CONVOCAÇÃO**. Dia 29 de agosto de 2015, você ibateano, com sua família e seus amigos, será peça fundamental na nossa Confraternização.

E vamos dizer à Mãe, o Imaculado Coração de Maria: **A PERSEVERANÇA é o caminho que nos traz pela 12ª vez junto ao teu coração de Mãe: MAGNIFICAT.**



Participe desta farra

TRIBUTO A UM AMIGO MINEIRO



Attilio Brunacci*

Sempre me considerei um desavergonhado de nascença, embora, poucas vezes tivesse passado por vexames de ruborizar minha cara. Repito: poucas vezes.

Desavergonhado de nascimento, envergonhado às vezes.

O colega mineiro e ibateano - três atributos que o enobrecem, a ele e a mim - Zé Moreira de beagá (leia-se: BH) fez a crônica “Discurso sobre anjos e pupilos”, publicada no último número do nosso Echus do Ibaté. Tão rico historicamente mas exageradamente lisonjeiro a este (eu) humilde escriba que vos escreve. (Se bem que não entendi bulhufas do parágrafo escrito em celta... ou era em alemão?).

A leitura de sua simpática crônica me deixou envergonhado (...pelo menos no ano de 2014, foi a primeira vez; em 2015, sabe-se lá!) com o que ele revelou a meu respeito. Afinal, não sei que mal lhe fiz pra despertar lembranças e machucar meu debilitado músculo cardíaco, vulgarmente chamado coração (sou hipertenso!). A propósito, “coração santo, tu reinarás; tu nosso encanto sempre serás!”. É a resposta à epígrafe religiosa que ele escreveu elevando-me à dignidade de anjo especial: “Os

anjos, todos os anjos, louvem a Deus para sempre. Amém”.

Não tem explicação. O “mal” que eu fiz foi ter ido me alojar no seu coração, cujo tamanho se compara às riquezas minerais de Minas. E esse alojamento aconteceu em fevereiro de 1955 - e logo, logo, completará 60 anos!!! - quando ele, e a bancada dos mineiros, chegaram ao Ibaté e se juntaram a nós. Pelo jeito que ele escreveu na sua crônica, jamais fui defenestrado!

Envergonhado, repito, pelos encômios (nossa!) e, ao mesmo tempo, agradecido pelas referências aos trabalhos que eu escrevi. Grazie tante!

E agora, o mais importante: dia 29 de agosto de 2015 - dia do esperado encontro do Ibaté - está chegando e com ele, estarão chegando o mineiro Zé Moreira, a esposa Adélia e a tropa toda da sua família e da bancada dos mineiros.

E mais importante ainda: Zé, um pedido do teu anjo: Não se esqueça de levar o folclórico e já tradicional queijo mineiro pra dividir com os “fominhas” que ficam até o fim do dia pra participar do sabor de Minas.

Teu sempre amigo Attilio, Inquisidor para uns, Venerável para outros, Caridade para todos.

(*) Attilio Brunacci, 78 (49/55) Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: “Grazie Tante”, autobiografia, “São Paulo na Frente pelo Trabalho” e “Cetesb”: 25 anos”. Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. atiliobrunacci@gmail.com

ELA



Luiz Loureiro*

Na trilha do vale profundo, a luz te abandona e o negro atroz te puxa para baixo, o amor se esvai, as lembranças acabam, corrida sem volta, a roda que gira só no sentido sem sentido, relógio de pêndulo parado, a hora de zero minuto, o poder que se encerra, lugar onde o dinheiro não conta, não mais sexo, não mais nada, futuro sem futuro, a cachoeira que congela, o lago irremediável, o terror, escuro definitivo, mente alucinada, o desperdício do conhecimento acumulado, talento que vira pó, ladeira abaixo sem freio, fim da rampa, o trespasse, o passamento, desfecho inevitável, o



crepúsculo, o ocaso, falimento, a extinção, momento fatal, a esperança que sucumbe, a decisão que não é sua, sentença sem recurso, hora da quitação, sombra eterna, a foice, o aperto dos gadanhos, véu negro, o derradeiro transe, o estertor, e a saudade te abandona, o último respiro, sono sem despertar, noite sem horas, o desterro, teu nome riscado, a carne que se livra, passaporte sem carimbo, a praia estigiana, todos os clichês acima mais o último, quando os teus olhos se envidraçam e veem a inominável, os problemas ficam para os que aqui ficam e tu te encontras com **ELA**.

(*) Luiz Norberto Colazzi Loureiro, 65 (62/63) formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Graduado em Marketing pela FGV-SP, ex-prefeito de Paraibuna-SP, atualmente dedica-se às letras, quando não está cozinhando. loureiroefabiana@gmail.com

Das paisagens do Ibaté às paragens de Deus



Joaquim Benedicto de Oliveira*

Nota da Redação: Continuamos a reproduzir partes do livro do nosso colega Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho (50/56). Os capítulos publicados não seguem, obrigatoriamente, a ordem constante no livro. Aos que quiserem se deliciar, antecipadamente, de toda a obra do Quim, devem acessar o link: <http://177.103.223.197/Echusdolbate/>

A travessura do Itanhaém, muitos anos depois



Meu caminho para o mar foi coletivo, longo, demorado e super-prudente. Caminho de seminarista, vigiado, muito cuidadoso. Haveria, por acaso, alguma tentação mais aguda e preocupante para a vocação do que apreciar, (opa! desculpem-me) ou contemplar e descobrir as mulheres da praia, com aquele maiozão horrível da década de cinquenta? Bem! ...

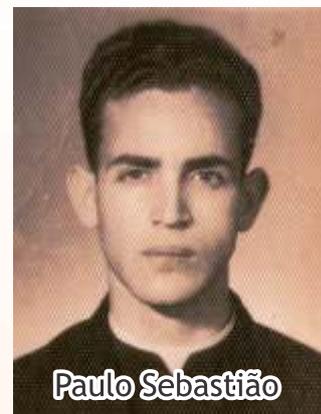
Começou com aquela célebre viagem de São Roque para São Vicente onde atracamos no seminário de lá para ...rezar! Mas houve um momento de relaxamento, afinal. Mais de cem quilômetros de ônibus para... tirarmos o sapato e molharmos os pés nas famosas ondas de renda! Valeu a pena tanta pena? Valeu: vimos o marzão “besta”, como dizia o cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota. Em mim ficou aquela sensação de ter pisado a areia molhada e contatar aquelas irrequietas e franjadas ondas. Percepção de algo que em um futuro, naquele momento ainda distante, seria símbolo de liberdade e amplitude de pensamento. Mais tarde o marzão besta tornar-se-ia simplesmente o mar-festa de diversidade sensual e bela. Cada dia uma cor - azul, verde - rendas bordadas pela brisa provocando o perene ir e vir, a maior constância inconstante que se conhece, depois da barroca cultura viva brasileira. O mar-sonho e viagens - navios, barcos, Jet-skys, pranchas, parapentes - muito ar livre - afinal, um vasto mundo que Raimundo algum consegue rimar.

Já no Central do Ipiranga, pudemos ter férias coletivas em Itanhaém, naquele memorável casarão onde passamos dias felizes, e nem tanto, de nossas vidas. Na praia ao lado de onde fica aquele aconchegante claustro marinho, não nos era permitido entrar no mar. Afinal ali mesmo, ondas terríveis e traiçoeiras fizeram perecer padres e seminaristas de outros tempos. Em consequência, devíamos escolher entre a quietude da praia do Sonho ou a deliciosa persistência dos vagalhões da Cibratel. No Sonho,

jogávamos futebol antes de mergulhar e, atentos aos movimentos da bola de capotão, nossos olhos não viam outras redondezas perambulando por ali. Em Cibratel, no império das vagas oceânicas, levantávamos voo na soberba arrebentação. E quando da saideira, era sempre no dorso de um jacaré que aportávamos na areia da praia. Quem tinha tempo para pendurar os olhos em outras visões?

Aliás, quando alguém dispunha de folga maior, era atravessar o costão entre as duas citadas praias e tirar uma soneca na cama... de São José de Anchieta! Cama de santo, dura, só pedra. A única coisa que não se podia fazer lá era exatamente dormir. Mas, convenhamos, ótimo lugar para se meditar ao som da quebrada das turbulentas ondas, no refrescante da garoa das bâtegas que aspergiam sem molhar. Refresco para o pensamento que se elevava até Deus em contato com a natureza, sem a mexida da mão dos homens.

Com padre Alberti como orientador espiritual, aprendemos a frequentar a praia também no inverno. Foi no litoral de Caraguatatuba que enfrentamos ondas borrascosas e geladas em momentos de contração continuada, em meio a extensas pregações sobre o plano de Deus sobre cada um de nós. Foi na praia do Lázaro ou na do Mem de Sá, a memória fraqueja neste passo, que “enterramos” o Pacelli na areia, sob as bênçãos do Alberti ajoelhado ao pé daquele monte sobre o escolhido para o “sacrifício”. A foto que tenho desse episódio retrata a desalmada satisfação daquela turma olhando o “morto” só com a cabeça fora da areia!



Paulo Sebastião

O ponto culminante desse aprendizado de contato com as águas marítimas, pelo menos para mim, deu-se no caminho do casarão de Itanhaém em direção à praia do Sonho. Exatamente na foz do rio Itanhaém, naquele amplo e luminoso espaço entre a ponte e o clube náutico. A paisagem é exuberante: de um lado, rio adentro, vê-se a mata que, mais pra frente, sobe a serra, rumo a São Paulo; de outro lado, rio se encontrando com o mar, às vezes até com modesta pororoca terminando em branco rendado.

Pois é.

Éramos um grupo de quatro: O Belo, o Tatu, o Paulo e eu. Quando chegamos ao pé da ponte, a contemplação de tanta beleza excitou os dois primeiros que resolveram atravessar a nado a foz, com o objetivo de nadar até as margens do clube, do outro lado. O Paulo olhou pra mim, eu



Attilio-o Tatu

olhei pro Paulo e nos entendemos perfeitamente, como se disséssemos: “Vai sobrar pra nós!” As duas heroicas figuras, com seus físicos de atletas, não tiveram dúvidas. Camisas, óculos, chinelos e bonés, de repente, como num passe de mágica, estavam em nossas mãos. Não tivemos, Paulo e eu, tempo nem sequer de dizer “Mas...”, e lá estavam os dois dando braçadas rumo à outra margem. Conformados, Paulo

e eu continuamos nosso caminho, agora em cima da ponte, e sem tirar o olho daqueles dois malucos que, cada vez mais, se afastavam de nossa visão. Passadas as respectivas metades dos caminhos, tanto o da ponte quanto o das águas, eis que nossos ouvidos se espantam com os gritos do Tatu: “Belo, não aguento mais!”

Paulo me diz: “Esse Tatu é mesmo um brincalhão, hein?” Concordei meio sem graça e parei, apoiado no parapeito da ponte, querendo vislumbrar quanto faltava ainda para eles chegarem a seu destino. Mais algumas braçadas e outra vez a voz do Tatu: “Belo, aqui não dá pé!

Que faço?” Nesse momento, eu me vi abaixado, olhando pelo vão do parapeito, e, com as pernas meio moles, um pouco assustado, perguntei ao Paulo: “E agora? Que fazemos?” Paulo respondeu: “Se o Belo nada faz lá, o que podemos nós fazer aqui?” Só então percebi que o Belo já estava bem próximo da almejada margem e nem sequer falava alguma coisa para o Tatu. Agora, já bem mais em situação de susto, escutei mais uma vez o pedido de socorro do Tatu: “Belo, me acuda!” Entrei em pânico e, já com raiva do Belo, exclamei ao Paulo: “Mas o cara nem se abala!”

Mais alguns segundos e os dois estavam de pé na outra margem.

Nosso reencontro foi assustador. O Paulo querendo dar um safanão no Tatu, pois achava que era tudo sacanagem dele. E eu, querendo dar uma bolacha no Belo por não ter sido solidário com o Tatu. Eles riam de nós. Devolvemos seus pertences, jurando nunca mais colaborar com eles nesse tipo de aventura. Na verdade, Paulo e eu jamais achamos que foi uma brincadeira. Concordamos, sim, que foi muito mais uma travessura e não uma simples travessia como eles quiseram fazer parecer.



Ary Joly-o Belo

O Perfume da Indisciplina filosófica

Em Aparecida, são cinco horas da tarde. No estúdio coletivo, como o de São Roque, mais de cinquenta alunos supostamente estudam. O silêncio entre as diversas carteiras dispostas em fila é, naquele momento, absoluto. São todos estudantes de filosofia.

Por isso, de acordo com as aulas do dia seguinte, cada um cuida de sua matéria.

A língua oficial do curso é o latim. Livros em latim. Aulas em latim. Provas em latim. Quousque tandem, ó Cícero, abuteris patientia nostra? Até quando, caramba, ó Cícero, tu que és o mais estudado dos latinos, abusarás de nossa curta paciência? E dá-lhe “Philosophia Scholastica” assim como no Ibaté era o “De Bello Galico”, todo o santo dia!

Assim é que, estudante relapso, me distraio no sacrossanto direito à curiosidade, querendo saber o que faz cada um dos que estão à minha volta. Heládio, por exemplo, um sapo ituano bom de bola, estuda naquele instante História da Filosofia e noto que sua cara está mais pra marota do que pra raciocinativa. João Leopoldo, conhecido mestre das manhas futebolísticas e, por isso, prestigioso diretor técnico da seleção do colégio, está verdadeiramente absorto em seu livro encapado. Faço de conta que vou me levantar e me aproximo rapidamente de sua carteira. Pasmeei! Está mergulhado no “Diálogo das Carmelitas”, de Georges Bernanos. Quando percebe que me aproximei demais, fecha rapidamente o livro e, então, vejo na capa e na etiqueta nela colada: “Tratado de Filosofia Moral”. Mais à frente, sem nenhuma preocupação de esconder o que faz, Cláudio Giordano avidamente devora o inseto literário da



Edmundo da Matta-Bita

“Metamorfose”, de Franz Kafka.

Foi, então, que vi o melhor: o Bitá, goleiro dos bons, examinava fotografias das Olimpíadas internas que ele mesmo organizara. A foto ampliada mostrava a faixa indicativa dos Jogos encimando as cabeças de vários participantes e de seu organizador. O destaque parecia ser o grandalhão monsenhor João Bueno, aquele que dizia querer morrer dando aula. E quem morria de medo de isso acontecer era a gente mesmo, a cada aula do bom Bueno.

Eis que.

De repente, leve agitação na moçada estudantil. A troca de olhares foi dando lugar a risinhos marotos. Em seguida, vários óh! óh! E todo mundo se mexia na carteira, alguns levantavam o pescoço em direção ao corredor em frente, onde os superiores tinham seus quartos.

Era de lá que vinha o intenso, sedativo e balsâmico odor que punha em alerta todos os sentidos humanos. Fez-se um minuto de silêncio, não em homenagem a um

morto, mas com o fim de confirmar cientificamente de onde partia aquela onda perfumada. Assim, ouvido o rumor sonoro do chuveiro do quarto mais próximo do estúdio, ratificou-se a expectativa: era o borborinhante banho da tarde do ministro de disciplina! Foi um viva! geral.

João Leopoldo abandonou a carmelita de Bernanos em agonia de morte e recitou quase em voz alta: “Leozinho no banho da tarde de estanho!”. Aí a cumplicidade coletiva do estúdio aflorou em continuidade. Heládio arrisca:



Cláudio Giordano

“Também com esse puta calorem!!!”. Aproveitara o exemplo abordado pelo autor que estudava. Em latim, “puta calorem”, pensa no calor, considera o calor como exemplo. Valeu para aumentar o volume das risadas. Ouviu-se, então, a voz do Cláudio: “Esse cheiro aveludado é de fêmea ou de macho? É a metamorfose do ministro na tarde que arde, eu acho! Ecoou a rizardaria, agora já alta.

Então, a porta do quarto se abriu. De lá, Leozinho gloriosamente saiu. Passos firmes na direção do estúdio.

Silêncio.

Bitá estuda “Philosophia Moralis”. João Leopoldo analisa texto sobre “História Philosophiae”. Heládio traduz do latim argumentos sobre a expansão dos corpos. Só o Cláudio nada modifica do que fazia antes. Terminara a leitura da “Metamorfose”, de Kafka, e começara a beber das águas da “Utopia”, de Tomas Morus.

E eu?

Bem, tive de responder à pergunta do ministro de disciplina: “O que está fazendo?”

“Estou fazendo estudo livre, ministro”.

Até hoje.

(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 77 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP
joka.oliveira@uol.com.br

SER “CHARLIE”, OU NÃO SER “CHARLIE”?



Asdrubal A. Baruffaldi*

Ser “Charlie” é repudiar o brutal desfecho a que foram legadas aquelas vida.

Não ser é optar pela premiação justa do mérito a que submetemos os valores humanos.

A morte comove, move e remove.

A simples contemplação da pessoa morta nos comove e leva às lágrimas. A emoção agita o pensamento, levando-nos ao mar das lembranças, sem que possamos exorcizar os estranhos e indesejados resquícios do passado, mas, obrigados pelo Gênio tutelar dos sepulcros, a relutar pela continuidade da vida a ao apego à existência.

A comoção desfaz seu êxtase e agita a efervescente solidariedade de sentimentos e valores em honra dos mortos e com isto julgamos ter prestado o merecido tributo a seus méritos.

De nenhum outro modo foi a glorificação de ‘CHARLIE HEBDO’.

Os empedernidos algozes banharam no ódio e sangue essa terrível vingança para que em cada cadáver fosse configurado o registro da ironia com que os “Charlies” haviam maculado seu ídolos e crenças. Pretenderam legitimar sua vingança e se tornaram abjetos num plebiscito destinado à livre e generalizada escolha de “Charlie”: -Prevalecerá?

A história o dirá.

A honorabilidade se presta à salvaguarda da

vida e a honestidade lhe imprime a segurança. Nisto se vê que a imagem impressa pelo desordenado apego à liberdade não será sustentável na medida em que for admitida como lícita ou autêntica após ter sido enegrecida aos olhos da chacota.

Será necessário então recorrer aos préstimos da Justiça, que não raras vezes se volta à cata de valores rateados, para imprimir a sentença reparadora.

Restaura-se uma verdade costurada e não desaparecem os vestígios do remendo; pugna-se pelo reparo e recompensa das perdas, porém não se restauram as arestas que davam originalidade ao edifício indeclinável da honra.

Quando a sociedade se jacta de valores dúbios e falsos uns se prestam a desalojar inocências tisonando pessoas pela inveja, ignorância e prepotência, restando a estas a perda de paz via guerrilhas domésticas e cartorárias.

Que a liberdade de expressão nos permita reprimir ofensas ao direito de viver e reivindicar os valores de que somos despidos com injusta publicidade, assim como os bens que nos cabem por direito de conquista.

Louve-se a arte e a imaginação da crítica construtiva. Aí seremos “Charlie”.

(*) Asdrubal Angelo Baruffaldi, 82 (49/53), também foi aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é artista plástico, escritor e advogado. Reside em Ourinhos-SP asdrubal1932@gmail.com



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

Ibateano Roque Komatsu é patrono do Fórum de São Roque



Dia 20 de janeiro houve uma homenagem no Fórum de São Roque, oportunidade em que o nosso colega **Roque Komatsu (50/55)**, in memoriam, foi homenageado com o título de Patrono do Fórum de São Roque.

Este evento, que foi inserido na agenda de 150 anos de memória histórica do Tribunal Bandeirantes, com o objetivo de resgatar a memória e a trajetória daqueles que ajudaram a construir o Poder Judiciário.

Roque Komatsu foi também professor de Direito Processual Civil nas Arcadas, Na Faculdade São Francisco - USP, e os presentes ressaltaram a preocupação com o aspecto ético que Komatsu tinha em suas aulas, como de resto em toda sua atividade profissional.

Sua esposa Regina, contou que desde a época em que Roque estudava para concursos, como não havia xerox, tudo o que ele anotava numa simples máquina de escrever, ele repassava para os outros colegas de turma.

Komatsu também sempre falava aos companheiros de trabalho sobre a passagem que teve pelo Seminário do Ibaté, onde aprendeu a disciplina e o respeito ao próximo, valores que levou pela vida toda. O modo espirituoso de levar a vida, Roque Komatsu sempre teve e com galhardia.

Ainda foi ressaltado que recentemente, em dezembro de 2014, o tribunal, expressou em acórdão sobre citação editalícia, voto do então desembargador Roque Komatsu. Foi um momento de alegria e satisfação para os presentes, especialmente pela expressão de que os ensinamentos recebidos no Ibaté, fizeram parte de uma vida a serviço da Justiça.

Na foto ao lado esquerdo da foto entronizada, sua filha Paula e sua esposa Regina, ao lado direito, seu irmão **Pedro Komatsu (59/60)**, também aluno do Ibaté, sua cunhada Elisa e **Marcio Pereira da Silva (67/70)**, representando a Turma do Ibaté.

LAMPEJOS



Alberto Pimenta de Oliveira*

Nota da Redação: Recebemos do colega Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo o livro de sua autoria LAMPEJOS, lançado em 2014. Uma das partes do livro REMINISCÊNCIAS DO SEMINÁRIO, conta histórias e causos de sua passagem pelo Ibaté. Estamos publicando nesta edição EVOCAÇÕES.

EVOCAÇÕES

Quem passou pelo Seminário do Ibaté, bairro da cidade de São Roque/SP, carrega na alma impressões indeléveis para o resto da vida. O informativo dos ex-alunos, com seu título sugestivo, ECHUS DO IBATÉ, confirma esta constatação. Décadas e décadas se passaram.

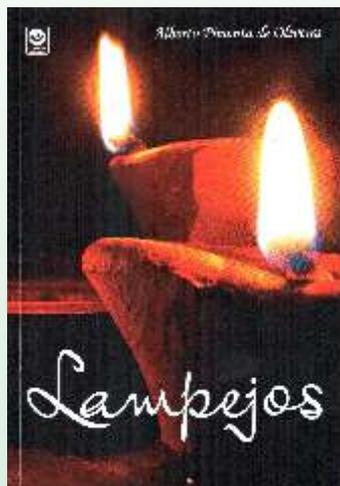
Os jovens e adolescentes de então são, hoje, pessoas de longa caminhada na estrada da vida, cada um com suas histórias a contar. Os traços físicos não são os mesmos. Conhecem as marchas e contra-marchas da caminhada existencial.

Mesmo em mundos diferentes, um substrato é comum a todos que conviveram sob a rígida disciplina do Seminário. Afinal, foram todos companheiros; nutriram-se do mesmo pão. A mesma formação cultural, a mesma capela onde se buscava o alimento espiritual, o mesmo dormitório, o mesmo salão de estudos onde se nutria o intelecto.

Ali, debruçados sobre os livros, os garotos do Seminário dedicavam-se ao estudo dos clássicos latinos, esforçavam-se em conhecer os rudimentos da língua grega, estudo esse que, juntamente com outras disciplinas, proporcionavam a todos fecunda formação humanística.

No salão de estudos, a lei do silêncio era rigorosa; quem a transgredisse teria seu nome anotado num pequeno caderno de um colega encarregado desse mister. Nas tardes de muito calor, vez por outra, o silêncio no amplo salão era interrompido pelo estrondo das dinamites detonando as pedreiras nas encostas dos morros distantes.

Na colina do Ibaté erguia-se majestoso o Seminário.



Em suas cercanias, a natureza era pródiga. Ao lado esquerdo do salão de estudos, um bosque sombrio descia até a piscina, em cujas imediações existiam algumas rochas que, na parte mais elevada, apresentava uma cavidade em forma de nicho, agasalhando pequena imagem da Virgem Maria, evocando suas místicas aparições em Fátima e em Lourdes.

À noite, durante o mês de maio, antes do repouso noturno, a pequena comunidade se reunia defronte a imagem da Virgem, situada no saguão próximo à escadaria que dava para o primeiro andar.

Ali, os seminaristas oravam à Virgem Mãe, exemplo excelso de Mulher, deixando sob sua proteção seus sonhos e esperanças, sublimando os ardores de seus corações juvenis. Ao se despedirem da Santa, retiravam de uma pequena caixa um pedacinho de papel dobrado, como se faz em qualquer sorteio.

Nesse pedacinho de papel estava assinalada a mortificação para o dia seguinte. Dispor-se à mortificação era exercitar-se na formação do caráter.

Contemplar a natureza fazia parte daquele cotidiano. À noite, o céu com suas constelações: à tardinha, a apoteose do crepúsculo. Todos estavam próximos à natureza que lhes refinava a sensibilidade para apreciar a beleza com a qual o mundo é agraciado.

O ECHUS DO IBATÉ lembra a todos os contemporâneos do Seminário o que já disse Antonio Feliciano de Castilho: "As recordações são os únicos belos astros que adornam a noite da velhice".

(*) Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo, 77, (53/58), Professor aposentado de Latim, Linguística e Literaturas Brasileira e Portuguesa. Reside em Presidente Vesceslau-SP pimentasenioprof@hotmail.com

IBATÉ NA SÃO SILVESTRE

Repetindo os feitos de anos anteriores, mais uma vez, nosso colega ANTONIO DA APARECIDA SIMÕES CUCIO (67/68), o nosso Sherlock Holmes, participou da 90ª CORRIDA INTERNACIONAL DE SÃO SILVESTRE, tradicional prova paulistana realizada no último dia 31 de dezembro de 2014.

Nosso colega alcançou a 6620ª posição entre os mais de 30.000 inscritos e, na sua faixa de idade, 60 a 64 anos, alcançou a 290ª posição, percorrendo os 15 km em (tempo corrigido) de 1:34:19 hora.

Desempenho do nosso colega nas últimas 4 edições da SÃO SILVESTRE:

2011, 6700ª posição, na faixa etária 55/59 anos = 398ª posição, tempo: 1:29:05 hora

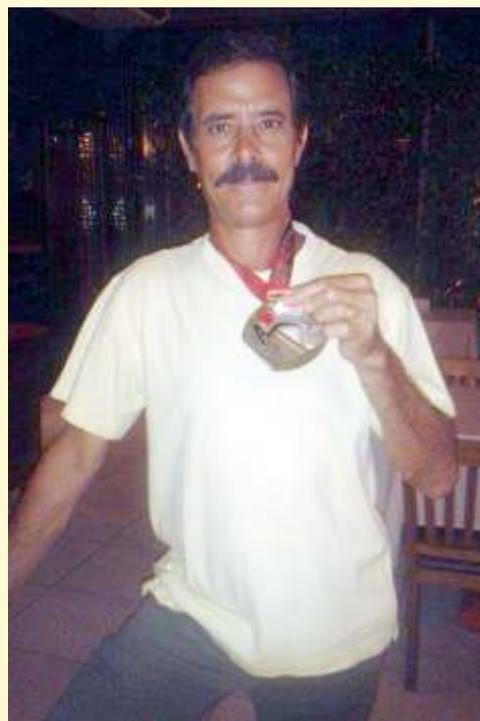
2012, 7795ª posição, na faixa etária 55/59 anos = 493ª posição, tempo: 1:35:01 hora

2013, 10077ª posição, na faixa etária 55/59 anos = 652ª posição, tempo: 1:39:04 hora

2014, 6620ª posição, na faixa etária 60/64 anos = 290ª posição, tempo: 1:34:19 hora

Parabéns, mais uma vez ao SIMÕES que com sua felicidade e entusiasmo nos proporciona muitas alegrias.

Neste final de 2015 ele estará lá, mais uma vez, representando nosso Ibaté.



CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De Helio Rodrigues (60) - Me alegro e me orgulho por estar incluso no rol dos privilegiados que bimestralmente tem acesso à publicação do Informativo ECHUS DO IBATÉ, que contrapondo às vicissitudes, nem sempre muito doces e coloridas, porém, normais, a que todos estamos sujeitos, a agradável leitura do mesmo sempre nos alegra ao reportar-nos à aurora de nossas vidas, agindo como um antídoto contra todos os males presentes e contemporâneos. Por isso, de coração, agradeço o trabalho incansável de vocês, não medindo esforços para proporcionar-nos tal privilégio. Que o bom Deus sempre lhes abençoe. Abraços fraternais. Salto-SP 20.10.2014

helio-herod1@hotmail.com

De José Geraldo Licheri (51) - Caro Alfredo Barbieri. Lendo seu artigo Ah.Se todos os filhos lessem isto, inserido em nosso ECHUS DO IBATÉ nº 134, tenho a dizer: Como a luta

pela sobrevivência é complicada e as vezes muito difícil, como seria bom se o que está escrito fosse realidade. Confesso que limpei meu canal lacrimal, pois, algumas gotas caíram. Não sei a razão, por dificuldade ou comodidade, tem filhos que quando os velhos mais necessitam, a primeira iniciativa é colocá-los em um asilo. Enfim, meditemos. São Paulo-SP 30.11.2014

De Pedro Mineiro Caraça (63/64) - A paz de Jesus, neste natal, e sempre, nos revigore e nos direcione nos bons caminhos, mesmo que cansativos, nos bons combates, por mais que sejam árduos. A luz do Senhor Menino do Presépio nos oriente e nos inspire, de sorte que nossas almas reflitam esse clarão. A Sagrada Família nos norteie e nossos lares sejam exemplos perenes de paz, harmonia e concórdia. Feliz Natal e abençoado 2015. Andradas-MG 23.12.2014
pedrocaraca@hotmail.com

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

Ne Pereant: Pela santificação do padre Constantino

José Moreira de Souza*



O Código do Direito Canônico preceitua no Livro IV, Título XXIV “De processus beatificationis Servorum per viam non cultus” os deveres das testemunhas.

As testemunhas, sem exceção nem dispensa, além do juramento de guardar segredo, devem prestá-lo de dizer a verdade antes de serem interrogadas, e de havê-lo dito, depois de praticar o interrogatório. [Códice 2037 §3]

Não estou sendo convocado a nenhum interrogatório, mas, atendendo a uma sugestão de nosso companheiro Antônio Carlos Correa de divulgar, ne pereant causae probationes, a verdade em favor da veneração do padre ministro, reitor, professor de matemática e latim, e diretor de teatro, do Seminário Médio Metropolitano Imaculado Coração de Maria, conhecido como padre Constantino Amstalden.

Na qualidade de “postulador adjunto” ou “vice-postulador”, - o postulador primeiro, como já disse, é o Antônio Carlos, cujo argumento articula o mapa astral ao percurso heroico de nosso candidato a Servo Beato - faço o juramento de calúnia que o Código entende afirmar “dizer a verdade sempre e não usar de fraude alguma”.

Informo, sob juramento, ne pereant nesse processo incoativo: Ouvi mais de uma vez de nosso colega Paulo Acácio Martins, o depoimento a seguir.

Paulo foi escolhido pelo diretor de teatro, padre Constantino, juntamente com Waldemar Waldyr de Faria, para atuar como galã nos papéis dos dramas encenados no seminário. Por isso era muito admirado. Em algumas sessões, os funcionários e funcionárias que prestavam serviço ao seminário assistiam às encenações. Numa oportunidade, uma mocinha que trabalhava na lavanderia se encantou pelo Paulo e propalou comentários que o igualava aos astros de Hollywood. Não sei como, nem o Paulo soube explicar; o conteúdo dessas conversas foi ter ao ouvido do padre reitor - Constantino -. Incontinenti, obrigado ao seu dever, cuidou de ouvir também o Paulo, in camara charitatis.

- Paulo, você conhece uma moça com tais e tais traços identificadores que trabalha na lavanderia?
- Eu acho que já vi uma pessoa assim. A gente fica aqui nas férias de julho, o senhor sabe.
- Você tem alguma admiração especial por ela? Ela lhe chama a atenção de algum modo?
- Não, seu padre. Eu só a conheço.
- Graças a Deus! - Respirou o reitor aliviado. - Eu dediquei a missa de hoje em sua intenção para que você pudesse encontrar no mundo uma vida mais digna do que a carreira sacerdotal e ia pedir para você deixar o seminário.

Isto foi, eu juro, o que Paulo me contou mais de uma vez.

Beta, Gilberto Cianfloni Lucarts, também me contou como ele tirou nota dez em latim e alcançou o primeiro lugar em sua turma, graça alcançada por intervenção do padre Constantino pelos relevantes serviços prestados na enfermaria, quando um terço dos alunos permaneceu acamado após o retorno das férias. Juro dizer a Verdade, embora sumariamente.

Também testemunho de minha parte; entre inúmeros, seleciono este.

O padre Constantino ministrava aulas de latim a partir da quinta série, quando traduzíamos Cícero, Virgílio e Ovídio. Pois bem, no mês de junho de 1958, havia as famosas provas semestrais, cujo peso era maior

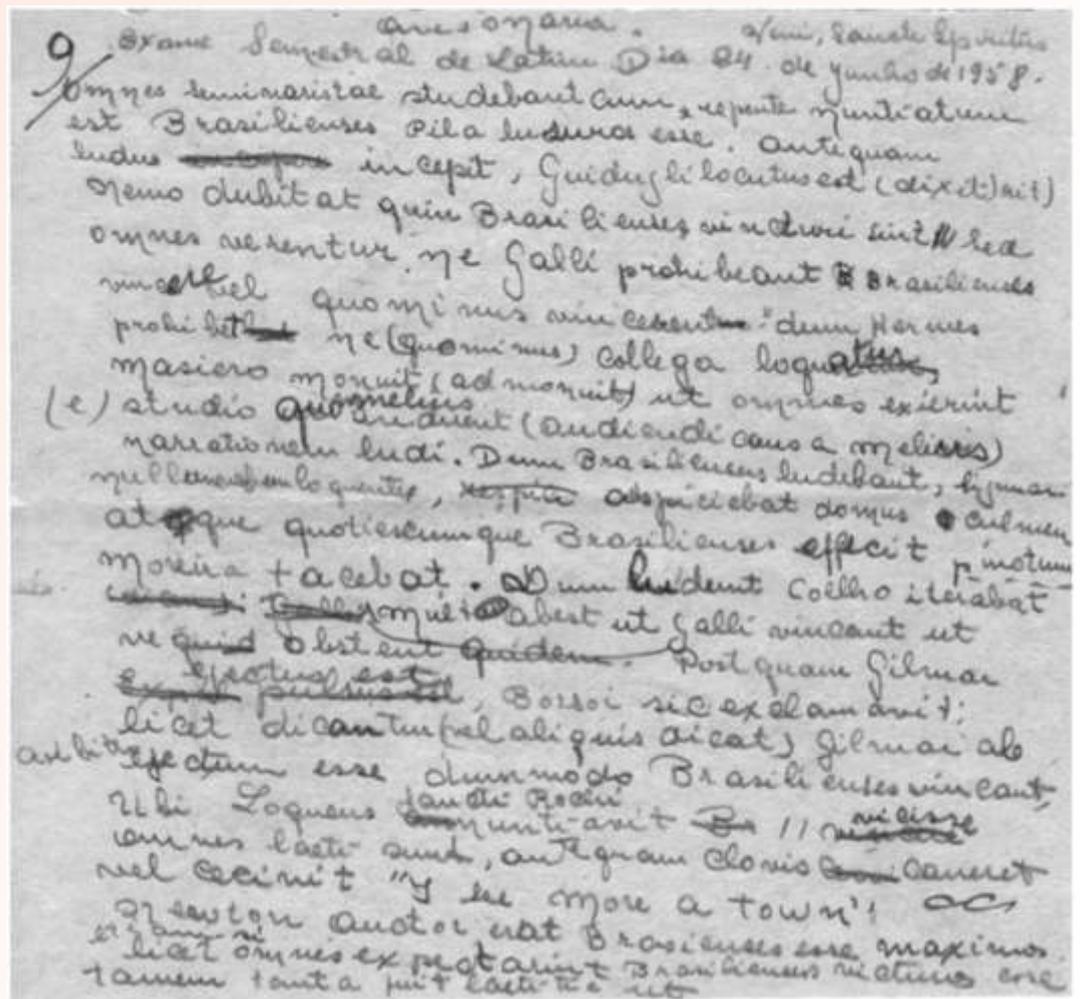


do que o das mensais. Nas provas mensais de março - a de latim foi realizada no dia 10 -, e de abril, - ocorrida no dia 14 -, foram exploradas versões para o latim obedientes ao estilo epistolar, nos moldes das cartas de Cícero. A do mês de maio, feita no dia 21, explorava legendas áureas enfocando a trajetória de São Policarpo. Eis que chega a oportunidade das provas semestrais precedidas por uma semana dedicada a estudos intensivos para garantir o bom desempenho.

Acontece que, exatamente nesse ano, realizava-se a Copa do Mundo de Futebol na Suécia. No calendário escolar, a prova estava marcada para o dia 24 de junho. Sempre atento à aprendizagem, eis a versão em latim do texto apresentado para avaliação:

Omnes seminaristae studebant cum repente nuntiatum est Brasilienses pila lusuros esse. Antequam ludus incepit, Guidugli locutus est (dixit vel dixerit) "Nemo dubitat quin Brasilienses vincituri sint sed omnes verentur ne Galli prohibeant Brasilienses vincere vel quominus vincerent" dum Hermes prohibet ne (quominus) collega loquatur, Masiero monuit ut omnes exierint Studio quo melius audierent (audiendi causa melius) narrationem ludi. Dum Brasilienses ludebant, Sigmar nullum loquente, aspiciebat domus culmen atque quotiescumque Brasilienses effecit punctum Moreira tacebat. Dum ludent Coelho iterabat multo abest ut Galli vincant ut ne obstent quidem. Postquam Gilmar ejectus est, Borsoi sic exclamavit : licet dicantur (vel aliquis dicat) Gilmar ab orbite ejectum esse dummodo Brasilienses vincant. Ubi loquens Sancti Rochi nuntiavit vicisse omnes laeti sunt, antquam Clovis caneret « I see more a town » ac Newton auctor era Brasilienses esse maximus etsiam si licet omnes expectarint Brasilienses victuros esse tamen tanta fuit laetitia ut Millan pollicitus sit futurum esse ut ille non studeret unquam linguam latinam. Cum Farya non enrubescens carmina componeret, no quo sciret quod scriberet (scribens erat) quod se putabam se esse poetam, Lauro poenitebat quod victoriam donaverat Gallis, tandem Crocco quesiiit quis esset (fuisset) maximus et quod (quidem) aliqui responderunt fuisse Mazolla. Ricardo primum admiratus est sed posterea dixit (Non anima avertio (causam) quod mirandum) (Nihil video mirandi causa) Non est causa quod mirem, nam omnia utenda sunt ad Majorem Dei Gloriam. Utnam semper ita sit.

Penso ter vivenciado inúmeros milagres nesse dia. O primeiro deles de me dar poder de transpor para o latim uma crônica das peripécias de nossos colegas, acontecidas quando assistimos à narração do jogo da Seleção Brasileira contra a França (5x2). O maior de eu ser um ignorante transformado em quase entendido no Latim sem uso do dicionário. Para comprovar, segue cópia do rascunho. Nota 9 (nove há se ser escrito por extenso). Dez ficou para Millan, Hermes e Letterino.



(*) José Moreira de Souza, 73 (55/59) é Sociólogo e Professor aposentado da UFMG, atualmente dedica-se às letras e ao folclore, além de emérito conhecedor da cachaça mineira. josemoreira@superig.com.br

PARÓQUIA DAS TROVAS

TEMA: CHUVA

Vertam os céus sobre nós
suas frescas gotas de orvalho
e chovam as nuvens empós
o justo, a Chuva, o trabalho.

Antonio Jurandy Amadi (51/57)

Chuva fina e continuada
é eficaz e dá prazer.
Violenta, com trovoadas
traz receio e desprazer.

Alfredo Barbieri (49/53)

As Chuvas na soledade
do despontar da manhã
são lágrimas de saudade
da noite bela e louçã.

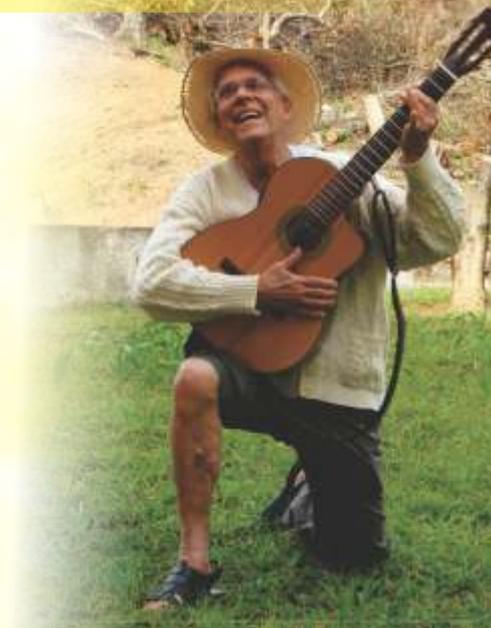
Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

TEMA: ESTIAGEM

Estiagem no Ibaté
era tempo de aflições,
de pedir com fé
nas matinais rogações!

Esta Estiagem prolongada
fruto de vil agressão
a natureza afetada
traz seca e destruição.

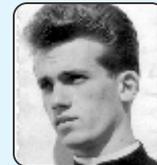
A Estiagem, que tristeza,
nos assola no momento,
só dilata, com certeza,
da vida humana o tormento.



Envie-nos você também a sua trova
2 temas para o próximo ECHUS:
XII ENCONTRO e PERSEVERANÇA

CASO EDIFICANTE

3 CERVEJAS



José Lui*

Toda sexta feira, às 20 hs, um cara chegava a um bar e pedia 3 cervejas ao garçom;
as 3 ao mesmo tempo.

Tomava uma, outra, a terceira, pagava a conta, levantava-se e ia embora.

Toda a sexta era assim. Sempre às 20 horas.

Numa bela sexta o garçom, já intrigado com aquilo, perguntou ao homem:

-Desculpe minha curiosidade, mas porque o senhor toma 3 cervejas toda sexta no mesmo horário?

E o homem:

-Porque tenho 2 irmãos e cada um de nós entra em um bar e pede 3 cervejas.

Tomamos uma por cada um de nós. É o nosso modo de manter contato e pensar um nos outros.

Numa outra sexta, o homem entra no bar e o garçom pergunta:

-3 cervejas, como sempre?

E o homem diz:

-Não, apenas 2.

O garçom gela. Um dos irmãos dele morreu, pensa ele.

Meio sem jeito, traz 2 cervejas e pergunta para o homem:

-Desculpe-me amigo, mas...são sempre 3 cervejas...

Aconteceu alguma coisa com algum irmão seu? Algum deles morreu?

E o homem:

-Não estão todos bem...é que eu parei de beber!

(*) José Lui, 78 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978. rubrolui@hotmail.com

TIRANT LO BLANC - UM LIVRO DE CAVALARIA



Letterio Santoro*

(OU A SEDUÇÃO DA PALAVRA)

Acabei de ler, em 04.12.2014, com alegria e ao mesmo tempo com pesar, as 850 páginas do romance *Tirant lo Blanc*, de autoria de **Joanot Martorell**, com prefácio de **Mário Vargas Llosa**, e traduzido do catalão por **Claudio Giordano**, velho companheiro da Turma do Ibaté nos idos de nossa adolescência no Seminário de São Roque.

Claudio Giordano foi um dos colegas mais próximos nos meus primeiros tempos do ginásio, e o laço de união foi a Literatura, mais propriamente o livro *Poesias Completas de Fagundes Varela*, por algum tempo a ele emprestado por mim, não lembro se antes ou depois da “censura” daquela obra por nossos superiores, como era praxe.

Claudio Giordano gostava de ler e escrever nos tempos de São Roque. E escrevia numa prosa moderna. De períodos curtos. Pois não é que, 58 anos depois, entro de novo em contato com o antigo colega através de sua primorosa tradução desse Livro de Cavalaria, denominado *Tirant lo Blanc*? A excelente tradução foi um estímulo à leitura.

De fato, um dos prazeres da leitura ininterrupta do romance, de 13 de julho a 04 de dezembro de 2014, com certeza me adveio da tradução de **Claudio Giordano**, primeiro passo concreto na escalada magnífica desse esplendoroso monte Saboó - o romance de Cavalaria *Tirant lo Blanc*, escrito por volta de 1460 e publicado em 1490.

Passadas, porém, as aventuras e surpresas, as lutas e amores da longa ascensão, ainda na página seguinte à última página, numa como bandeira fincada a desfraldar no cocuruto do Saboó, descubro, na figura heráldica da âncora, do peixe e do sobrenome **Giordanus**, um último aceno aos velhos companheiros da Turma do Ibaté.

Pois aquela ilustração não nos recorda um verso da ária do “*Và, pensiero*”, sempre cantada por nós com arrepio da alma, quando diz: “...Del Giordano lerivesaluta...”? Tais símbolos representam o rio Jordão, suas margens e seus peixes, de que os exilados judeus se recordavam no triste exílio. O Ibaté era nossa Terra Prometida?

Contudo, não teria eu lido com prazer *Tirant lo Blanc*, não fosse estimulado a tanto por meu amigo **José Moreira de Souza**, companheiro querido e inteligente da Turma do Ibaté. De fato, no artigo “*Algumas aventuras de Claudio Giordano*” do informativo *Echus* nº 125, José Moreira nos provocou a todos a ler esse livro raro.

O desafio lançado não foi só para lermos o livro, mas para lermos aquele calhamaço em dois meses. Em Garça não achei a obra, embora tenhamos uma das

melhores bibliotecas públicas do Interior. Echus à mão, lá me fui à Galeria Milani em Marília onde solicitei o romance quatrocentista que enfim me chegou às mãos.

Lá em casa o bonito livro ficou na estante como a seduzir-me. Mas após a leitura do segundo artigo do *Moreira* (*Echus* nº 126) - “Um nome, um destino: *Tirant lo Blanc*” - criei vergonha e pus-me a ler. Entrar nas águas do livro foi como entrar pela primeira vez nas águas da piscina do Seminário de São Roque: demorei, aprendi a nadar, e gostei.

Além dos artigos do *Moreira* a provocar o leitor e preveni-lo da necessidade de uma segunda leitura para uma melhor compreensão de *Tirant lo Blanc*; além da tradução esmerada e séria do original catalão e sua publicação como obra rara por **Claudio Giordano**; outro forte incentivo me veio de uma citação de Miguel de Cervantes.

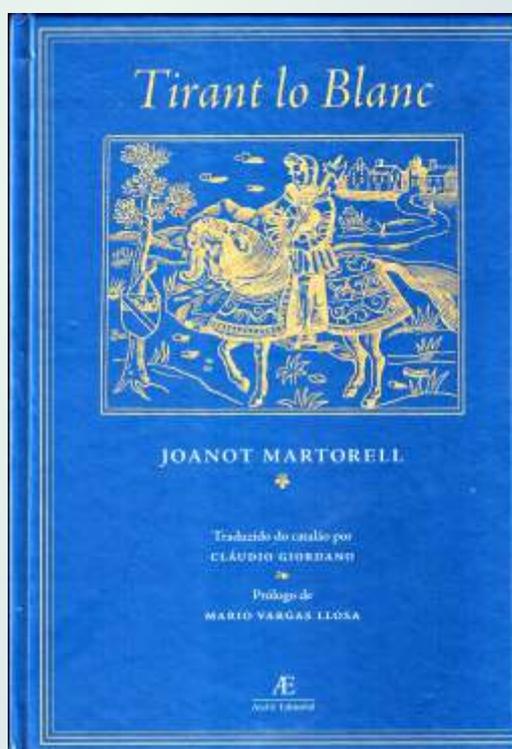
De fato, no capítulo VI da parte I de seu *Dom Quixote*, cujo título é “**Do curioso e grande expurgo que o padre-cura e o barbeiro fizeram na livraria do nosso engenhoso fidalgo**”, Cervantes põe na boca do padre-cura as seguintes palavras: “Agirei como quem encontrou nele (*Tirant lo Blanc*) um “tesouro de satisfação e mina de passatempo”.

E continua a citação: “**Digo-vos em verdade, senhor compadre, que, por seu estilo, é este o melhor livro do mundo**”. E por fim nos avisa Cervantes com as palavras do padre-cura: “Levai-o para casa e lede-o: vereis como é verdade o quanto acabo de dizer”. Com tantos estímulos pus-me enfim a ler sem parar o *Tirant lo Blanc*.

Capítulos curtos em geral, nunca longos. Um capítulo chamando o outro. Histórias dentro de histórias. Personagens mudando rapidamente. Sempre se está conversando com alguém ou diretamente ou por lembranças. O Cavaleiro busca a honra, e tem o ouro e a prata aos pés. Que Cavaleiro o conde Guilherme de Veroic!

Guilherme de Veroic toma conta da primeira parte do livro. A ele *Diafébus* narra as primeiras aventuras de *Tirant lo Blanc*, e finaliza o relato das histórias deste jeito: “...talvez eu tenha aborrecido vossa senhoria com tantas histórias”. E logo a resposta do eremita: “*Diafébus*...muito me consolou o estilo do vosso gentil e vivo falar...”.

As palavras... Nas asas das palavras assistimos aos torneios da Inglaterra e a instituição da ordem dos cavaleiros da Jarreteira; nas asas delas voamos à Ilha de Rodes onde havia outra ordem chamada de São João de Jerusalém, depois de aniquilados os templários. Ao longo



da viagem ouvimos provérbios de muita sabedoria popular.

De repente, o cavaleiro **Tirant**, campeão das batalhas e da cavalaria, “na primeira e única visão de uma donzela”, deixou-se abater e pôr por terra. Lutas e mais lutas de cristãos contra mouros a fim de reaver o reino da Macedônia e todo o império grego. A má vontade do duque de Macedônia em tudo se contrapõe às propostas de **Tirant**.

Admira-se, entre as qualidades de **Tirant**, a boa vontade, gentileza e humildade para com o Sultão. Outra qualidade dele: a prática da clemência, “que deixa a todos satisfeitos”. Julga com critério e lucidez, distingue os bons dos maus; não se deixa corromper por rogos, ameaças ou dinheiro; é magnânimo, alegra-se com os amigos.

Além disso **Tirant lo Blanc** é amabilíssimo com todos: honra melhor a Deus do que ninguém; respeita em extremo aos seus e mais ainda aos estranhos. Aprecia-se também a sabedoria de Abdala Salomão que de derrotado se torna um filósofo para os vencedores e acaba ganhando a liberdade com o filho e outros.

E há também um estranho personagem, Ciprés de Paternó, que era amigo de **Tirant** e ao mesmo tempo do Sultão. Há no meio do caminho capítulos inesquecíveis:

1) O sonho erótico de Prazerdeminhvida, personagem único no romance a simbolizar para mim a ousadia da mulher na paz e na guerra.

2) A discussão filosófica sobre qual seria o mais importante - a audácia ou a sabedoria.

3) Nova discussão filosófica com a chegada das quatro donzelas de preto e o rei Arthur falando sobre as virtudes.

4) A grande trama entre a Viúva Repousada tentando afastar **Tirant** da princesa, e Prazerdeminhvida tentando unir os dois.

Da página 595 em diante, em função da tempestade, **Tirant lo Blanc** é atirado em praia de terras de mouros, estendendo-se por longos e longos capítulos uma grande parte final onde **Tirant**, começando como escravo torna-se, no meio dos inimigos, o grande capitão, que converte e batiza reis e milhares de mouros.

Parte admirável do romance é o episódio do cavaleiro Espércio na ilha onde foi atirado. Aí se fala da aventura do beijo do dragão que, de repente, se torna uma mulher “mui formosíssima” (sic!), com quem ao final se casa. Mas o ponto mais alto, a meu ver, de **Tirant lo Blanc** é quando a batalha das armas se confunde com a batalha do amor.

O que acontece no capítulo intitulado “**Tirant** vence a batalha e pela força das armas invade o castelo”, onde o capitão **Tirant**, de volta a Constantinopla, e sob orientação de Prazerdeminhvida, finalmente possui a princesa Carmesina. Presos os inimigos, o imperador oferece a filha a **Tirant** e o declara César do império grego.

A partir daí as portas das cidades se abrem diante de **Tirant** que súbito morre, e logo em seguida a princesa e o imperador, ficando o império nas mãos da imperatriz e de Hipólito. E a vida continua. Muita significativa ao final a libertação por Hipólito, novo imperador, do Sultão e do Grão Turco, comprometidos com a paz por cem anos.

A raridade da obra levou **Claudio Giordano**, tradutor e editor, à obra de Joanot Martorell que, por sua vez, levou **Antônio Carlos Corrêa** ao romance de Cavalaria. O presente do amigo **Antônio Corrêa** ao Moreira levou-o à leitura de **Tirant lo Blanc**, e o desafio de meu amigo **Moreira** nos Echus nº 125 e 126 me levou à leitura da obra.

Veja o leitor aonde nos leva o informativo da turma do Ibaté. Mas o Moreira nos quer levar ainda mais longe. À leitura de outros livros de

Cavalaria na esteira do **Tirant**. Como o Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. Mas quer mais: que cheguemos até a tragédia Hipólito, de Eurípedes, onde, diz ele, “se encontra o enigma de **Tirant**”.

Quem dera que esta minha longa crônica, publicada no jornal Comarca, no garcaonline e no facebook animasse algum leitor de minha cidade ou do mundo a se interessar também pela leitura de **Tirant lo Blanc**, onde nos é apresentada do início ao fim a sedução pela palavra. Através da palavra sonhamos por mundos novos.

(*) Letterio Santoro, 75 (55/59) Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça); autor dos livros CONTOS DE AMOR E OUTROS CONTOS, AMOR PLURAL, ANTOLOGIA POÉTICA, O EU HERÓI, MOMENTOS (poemas da infância e de adolescência). Reside em Garça/SP
letterios@hotmail.com

Para-choque do Caminhão do Ibaté

Não zombe da caveira...
um dia você chega lá.





Edson Cruz*

O poema é uma construção artística, um sistema harmônico de palavras por meio do qual um poeta se expressa com o ritmo que lhe é próprio e, ao mesmo tempo, faz ressoar todos os seres. O poeta e prêmio Nobel mexicano, Octavio Paz, dizia que o poema é “um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal”. Bingo!

Se considerarmos verdadeiro o que diz o poeta, seria pertinente perguntar: qual é então a relação existente entre poema e poesia?

A poesia pode estar em todas as coisas. Pessoas, paisagens, cachorros e acontecimentos do dia podem ser poéticos. O sorriso do irmãozinho, aquela(e) gata(o) da escola, um dribble do Neymar, podem ser poesias sem ser poemas. Distinguir uma coisa da outra é importante, pois o poema só acontece com a escrita, no texto, na criação literária enquanto Arte.

Isso nos leva a um paradoxo (palavrinha esquisita, mas adorada pelos poetas): pode-se aprender a escrever um poema, mas nada garante que a poesia esteja presente nele. E aí está toda a graça de se tentar fazer um poema.

O poema pode ser construído em vários formatos - desde as tradicionais “formas fixas” (baladas, sonetos, quadrinhas) que obedecem a esquemas métricos rígidos, com padrões de versos simples ou mais complexos, até as formas mais livres e modernas. Há poemas que não apresentam rimas, nem métrica, podendo os versos ser “brancos” ou “livres”. Há, inclusive, poemas que parecem prosa. A tal da “prosa poética” (lembra-se do Guimarães Rosa?).

Podemos começar a escrever nossos poemas seguindo os passos e a forma de escrever de nosso poeta preferido. Se você ainda não tem um, apresse-se em encontrá-lo. Aquele poeta que diz coisas que mexem com você. Que, quando você o lê, fica por instantes sem chão (às vezes, semanas), como se estivesse apaixonado(a). Não desgrude dele. Deixe-o sempre à vista.

Em seu poema “Procura da Poesia”, o poeta Carlos Drummond de Andrade diz coisas que, talvez, possam servir para todo aspirante à escrita poética: “O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia” (essa levei anos pra assimilar); “não percas tempo em mentir”; “Convive com teus poemas, antes de escrevê-los”; “Não colhas no chão o poema que se perdeu”; e, talvez, a mais importante: “Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos.”; “Estão paralisados, ... /...em estado de dicionário”.

Parece simples, não? Um poema é feito com palavras. Mas não basta copiar o dicionário. As palavras serão sempre as mais adequadas ao que você quer exprimir. Há muitas formas de se dizer uma coisa em prosa. Na poesia, só existe uma. O jeito exato. Quando você consegue, o poema faz um clique como uma caixinha se fechando. Essa busca é a dor e a delícia de todo poeta. Seja bem-vindo.

DICAS:

Não se preocupe se o seu tema ou motivo é original. Todos os temas já foram escritos. Quase tudo já foi tematizado na poesia. Duvida? Pense em um tema bem esquisito. Pensou? Pode ter certeza, ele já foi escrito ou intuído por um poeta. Ainda não acredita? Lembre-se, então, do que disse o carinha que, no Ocidente, mapeou a alma humana como ninguém até então. O tal do Sigmund Freud. Ele desabafou, puxa...: “Aonde quer que eu vá, eu descubro que um poeta esteve lá antes de mim.” Ah, você achou um tema inédito? Então, guarde-o. É um verdadeiro tesouro. Você vai construir palácios com ele.

Pense em coisas que foram substantivas pra você. Nada de adjetivos. Só substantivos que venham de sua própria história e experiência. Por exemplo, os meus são: MAR; DOMINGO; AUSÊNCIA, VENTO... Vá anotando sempre que lembrar de algo que foi importante, de alguma experiência marcante. Não tenha pressa. “Não percas tempo em mentir” ou fazer de conta. Anote em um caderninho. Eles serão os temas que você desenvolverá com maior propriedade e, se os deuses forem favoráveis, de algum ponto de vista inovador.

Tenha sempre um dicionário à mão. Dê uma olhada nas várias acepções de uma palavra significativa pra você. Isso é uma das coisas que um poeta faz: revelar novos sentidos para as palavras que são usadas de forma mecânica. Construir frases (ou versos) que reforcem a 'ambiguidade' dos termos. Por exemplo: “dentro do novo existe um ovo”. Gera um estranhamento na frase e ao mesmo tempo brinca com a sonoridade de 'novo' e 'ovo'. Todo estranhamento carrega uma centelha poética. O poeta não é um cientista. Como diria o poeta Manoel de Barros, o poeta desexplica o mundo para percebê-lo melhor.

Arranje as frases, os versos, buscando sempre uma sonoridade expressiva. Lembre-se que a poesia veio da música e para ela sempre voltará. O seu poema tem que cantar, mesmo não tendo melodia ou acompanhamento musical.

Escrever poesia é um jeito peculiar de dizer as coisas. De arranjar as palavras de um modo único. Solte-se. Deixe a imaginação, o ouvido e o sonho conduzirem você.

Quando você achar que algo ficou bom, reescreva mais 10 vezes.

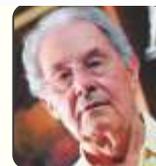
Mostre sempre o que escreve para quem gosta de ler e, de preferência, para quem também escreve.

Não dê muito ouvidos a elogios de amigos e parentes. Eles costumam ADORAR tudo o que escrevemos.

Em última instância a poesia não serve pra nada. É um inestimável inutilidade, mas pode tocar profundamente uma pessoa. Ou seja, a poesia serve para o que mais interessa: o essencial.

DICA POÉTICA PARA INICIANTES: Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Manoel de Barros e Paulo Leminski. Persiga tudo o que eles escreveram. São excelentes companhias para se iniciar a trilha da poesia.

*José Edson Soares da Cruz, 56 (72/73) nasceu em Ilhéus-BA, é poeta, editor e revisor. Desgraduou-se em muitas coisas: Psicologia, Música e Letras. Foi fundador e editor do site de literatura Cronópios (até meados de 2009) e da revista literária Mnemozine. É professor no Curso de Criação Literária, da UnicSul/Terracota Editora, no módulo Poema. Lançou em 2007, Sortilégio (poesia), pelo selo Demônio Negro/Annablume e, como organizador, O que é poesia?, pela Confraria do Vento/Calibán. Lançou, também, uma adaptação do épico indiano, Mahābhārata, pela Paulinas Editora. Em 2011, lançou Sambaquí, livro contemplado pela Bolsa de Criação da Petrobras Cultural. Em janeiro de 2012, colocou no ar seu novo projeto: o site MUSA RARA. Escrevia com frequência no blog: <http://sambaquis.blogspot.com> - sonartes@gmail.com



Pe. Otto Dana*

Não consigo imaginar. Não faço idéia de quem está lendo estas mal traçadas. Quem sabe um padre jovem, jovem de idade, jovem de espírito, jovem de sacerdócio. Ou será um cinquentão, um sexagenário, ou um nonno de oitenta anos? Seja quem for e em que situação, você está caminhando para a emeritude: 75 anos. Bah! Imagine se eu chego a tantos!... Eu, Padre Otto, cheguei. E cheguei em plena força física e mental. Mas isso não interessa à Diocese.

Bateu 75, você está fora. Você é um “coringa”, simplesmente.

Ao chegar lá, sorte sua se o seu substituo for um colega humano, respeitoso, preocupado com sua situação, como aconteceu com o Monsenhor Jorge. Bem acolhido, bem instalado, campo aberto para celebrar, confessar, orientar, sentindo-se útil para o povo. Não foi o meu caso.

A partir de 1º de fevereiro de 2014 fui banido da Paróquia de Sant’Ana (de Rio Claro) onde trabalhei em tempo integral e dedicação exclusiva durante oito anos. Chegou fevereiro e fui silenciado e excluído e impedido de celebrar qualquer atividade, nem missa, nem casamentos, nem batizados, ou novenas, nada. Nem para o cinquentenário da paróquia da qual fiz parte, fui convidado. E o refrão é sempre o mesmo: “O Bispo proibiu o padre Otto de celebrar, dar formação, atuar na paróquia de Sant’Ana e suas capelas”.

O Pe. Otto só é mencionado quando se trata de motivar o povo a dar dinheiro: “Bem, agora temos três padres pra sustentar!” E o povo se pergunta: “Cadê o Pe. Otto!” Mesmo quando o Pároco viaja, é colocado um diácono ou ministro da Eucaristia para celebrar. O Pe. Otto fica de escanteio.

Quero continuar padre católico, mas, o pároco não

deixa! Sorte minha que colegas de outras paróquias me convidam para celebrar, para pregar, mas, na Sant’Ana... “O Bispo não quer”! E no site da Diocese aparece: Pe. Otto Dana, Vigário Paroquial da Sant’Ana.

Como é do direito do padre emérito, o Sr. Bispo me assegurou em conversa pessoal e por carta moradia, com tudo o que a compõe: água, energia elétrica, telefone, internet etc. conveniente sustento: alimentação, encarregada da cozinha e serviços-gerais da casa, cônica de 5 salários mínimos, assistência médica. Tudo bonitinho na conversa com o Bispo. Com o Pároco, começou choramingando a alimentação e a empregada. Por piedade, motivada pela ingenuidade, aceitei: pago a empregada e alimentação. Não contente com isso, agora já avisou a secretária para me prevenir que, a partir de janeiro de 2015, a paróquia não pagará mais a energia, o telefone e água do meu uso. Nesse ritmo, daqui a pouco cortará aluguel, a cônica e tudo o mais.

Quando o Sr Bispo me chamou para conversar, apresentei a ele um documento com os compromissos da paróquia e da Diocese para os três assinarmos: Dom Fernando, Pe. Luiz e Pe. Otto, mas, ele me assegurou que na Igreja não precisava desse tipo de papel. É na base da confiança mútua e fraterna, confiei e tomei.

Fico por aqui. Não é denúncia, não é desabafo, é apenas o relato de uma experiência vivida e sentida nestes 10 meses de emeritude. Se servir para alertá-lo já me dou por satisfeito. Poderá servir também para urgir a elaboração do Estatuto do Pe. emérito na Diocese, para evitar a arbitrariedade cometida contra mim.

(*) Pe. Otto Dana, 76 (54/58) Pároco Emérito da Igreja Sant’Ana em Rio Claro-SP, Diocese de Piracicaba. otto.dana@gmail.com

Photantiqua



BATINANDOS DE 1957 - Foto cedida dos arquivos de Pe. Renato Artamendi (in memoriam).

Da esquerda para a direita. Sentados: Pe. Pascoal Amato, Mons. Luiz Gonzaga da Silva (Reitor), Pe. Constantino Amstalden e Pe. João Kulay.

Em pé, 1ª fileira: Durval de Almeida, Nasser Kehdy Neto, Olaerço Picolo, José Justo da Silva, Pe. Rui Amaral, José Maria Pinheiro, João Ripoli e Claudio Giordano.

Em pé, 2ª fileira: Heládio Bispo do Prado, Sergio José Schirato, João Baptista da Silva (IÔ) e Norival Carloni.



Paulo Francisco Toschi *

Vivemos a época do Facebook, do Instagram, do WhatsApps, dos selfies e outras maravilhas precedidas de @ ou #. As pessoas se comunicam com “amigos” o tempo todo, talvez até enquanto tomam banho. Todos participam de “redes sociais” e o saber está no Google. A evolução é tão intensa e tão rápida que “novidades” de ontem são “velharias”, hoje. Poucos acessam o Orkut, uma sensação há bem pouco tempo. Meus netos ficariam boquiabertos se eu lhes dissesse que, anos atrás, para começar a operar o computador, era preciso informar “data” e “hora”. Vê, o que é um acesso “discado”? Nessas horas, eu fico bem quietinho, para não contar a eles aqueles “causos” de antanho, que nós velhos tanto gostamos de repetir. No meu banco, antes de comprarmos o primeiro “cérebro eletrônico”, que tinha poderosíssimos 85K de memória, usávamos a “Hollerith”. Mas, Vovô, holerite não é um papel comprovante do ordenado do mês, um boleto? Cópias de documentos, quando não eram feitas numa firma especializada, mediante “fotocópia”, podiam ser feitas na própria empresa, em um “Thermofax” mal cheiroso. Os Correios não funcionavam com a velocidade da “Western” ou do “Italcable”. Mas, tudo isto foi substituído pelo “Telex”, máquina de escrever que podia ser acionada à distância, via linhas telefônicas, e que fazia o papel hoje desempenhado pelos e-mails, algo que também já está ficando obsoleto. Porque estou lembrando tudo isto? Já não fiz comentários parecidos, muitos “echus” atrás? (Velho tem que se policiar, para não ficar incomodando os outros com repetições enfadonhas). É que a conversa, hoje, é de velho para velho. Ou de velho para quase-velho.

E é justamente sobre o “Echus do Ibaté”. Até pouco tempo atrás, o “Echus” era impresso e o Mosca tinha um trabalhão, envelopando a publicação bimensal a ser enviada pelo Correio a aproximadamente mil destinatários. Hoje, o “Echus do Ibaté” está em um link da internet. Continua sendo o principal veículo de comunicação da “Turma do Ibaté”, um grupo de senhores de mais de 50, a até mais de 80 anos, que estudaram no Seminário do Imaculado Coração de Maria, em São Roque.

Alguns já vestiram batinas, mas a grande maioria não chegou a tanto, porém, todos têm saudades imensas daquela época (aquelas épocas, pois 1949 nada tem a ver com 1973, embora tudo tenha a ver). A melhor forma de matar essas saudades é ler o “Echus do Ibaté”. Só que, ler o quê? Muitos querem ler, mas poucos escrevem. A cada edição, recebo um telefonema do Mosca, o que deve acontecer também com outros colegas: “Paulo, eu

preciso de um artigo para o Echus”. Gente, porque vocês não escrevem? Vergonha? Preguiça? Por favor, escrevam: Dum tempus est. Os que hoje costumam escrever, um dia, estarão com seus nomes inscritos na coluna “Na Casa do Pai” ou na última folha do livrinho que os Peralta costumam patrocinar para os nossos encontros bi-anuais. Onde está a turma dos anos 60? Dos anos 70? Não tiraram proveito das aulas de português dos nossos seminários? Têm medo de ficar muito longe da nota 1000 nos exames do ENEM? Ou somente sabem escrever “oi”, “bjs”, “kkk” e outros besteiróis da menina do Face?

Escrever, diriam alguns colegas de Garça, das Alterosas ou do Planalto Central é como queijo mineiro: a gente vai comendo e vai gostando, cada vez mais. Mas, não é somente a moçada do seminário da Penha que não se dedica às letras. Tem gente (há gente já era) que adora as lindas praias e se esquece de deleitar os amigos com sua sabedoria. Revolvam os seus baús, descubram fotos antigas daqueles tempos maravilhosos e contem histórias que elas evocam. Lembrem os passeios, as subidas ao Saboó, as peladas, esquetes teatrais, aulas, professores, colegas, funcionários, freiras, as quebras da disciplina, os momentos na capela, passagens no refeitório, as turmas de banho, a piscina, as férias de meio de ano, tanta coisa que faz parte do homem valoroso que o seminário fez de cada um de vocês. Ah! Por falar nisto, ninguém tem o que contar do seu tempo em Aparecida, no Ipiranga, em Roma, na PUC, nas paróquias onde foi o “seu vigário”? Temos vários colegas que não “arrepriaram”, que prosseguiram em sua vocação, que exerceram e ainda exercem o ministério eclesiástico. Vários (e não são poucos) já foram qualificados como “eméritos”, alguns após exercerem o múnus episcopal. Será que ninguém tem nada para contar? Quanto aos jubilados, é falta de tempo? Não querem se expor? Não merecemos sua deferência? Então, um abraço para os articulistas de sempre. Pena que nossas mesmices acabem desfavorecendo o que temos de melhor: o nosso “Echus do Ibaté”. Ah! Ia esquecendo: outro dia, fiz chegar, por acaso, às mãos do apóstolo Estevam Hernandez, da Igreja Renascer, um exemplar do nosso “Echus do Ibaté”.

Gostou tanto que levou para mostrar em uma reunião de rotina da sua turma de bispos. Um mês depois, ele contou que tinha tido um encontro com um concorrente, o líder do Templo de Salomão, e este último viu sobre sua mesa o nosso “Echus do Ibaté”, deu uma olhada, gostou e pediu para ficar com o exemplar. Você vai escrever ou não vai?

(*) Paulo Francisco Toschi, 77 (49/53) é advogado e bancário aposentado, sendo autor do Livro “PALAVRA DE SEMINARISTA”. paulofranciscotoschi@yahoo.com

A IGREJA NO CÁRCERE

Conforme publicado em nosso último ECHUS DO IBATÉ (nº 135), no dia 15 de novembro último, no encontro de ex-alunos do Seminário Central do Ipiranga, foi realizado o lançamento do livro A IGREJA NO CÁRCERE-Diário e reflexões de um sacerdote nos porões do Dops.

O Diário inclui também cartas, artigos e desabafos escritos pelo PE.JOSÉ EDUARDO AUGUSTI (in memoriam) no período em que esteve encarcerado no Dops e no Presídio Tiradentes em São Paulo, na época da Ditadura Militar.

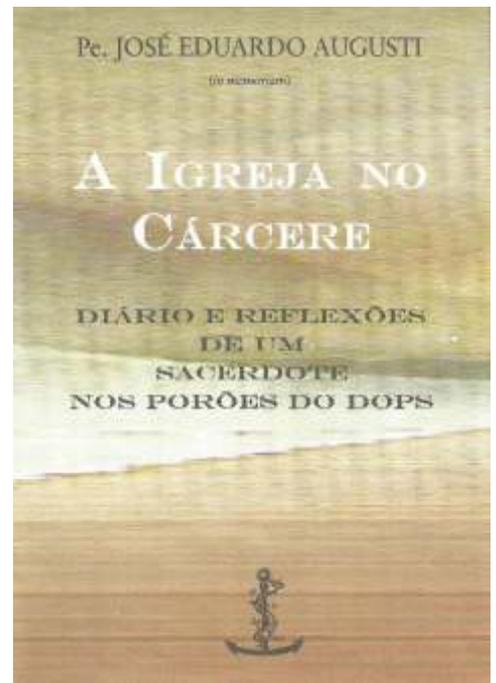
Pe.Augusti foi em 8 dezembro de 2012 declarado anistiado político, com o pedido oficial de desculpas, por parte do Governo Brasileiro.

Este livro contou com a participação do ibateano Attilio Brunacci (49/55) com a organização e apontamentos de rodapé.

A edição do livro contou com a colaboração do ibateano Claudio Giordano (51/57) - o editor - e a contribuição financeira de vários outros colegas ibateanos.

Aqueles que estiverem interessados em adquirir este livro, favor contatar o Attilio pelo email atiliobrunacci@gmail.com

Preço: R\$ 40,00 (quarenta reais), mais os custos com o correio. A venda é sem fins lucrativos. Destina-se apenas a cobrir gastos com editoração e impressão.



FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.01.2015	
POSIÇÃO EM 30.11.2014	12.139,88
ENTRADAS	
Contribuições e doações	1.120,47
Juros	110,86
TOTAL ENTRADAS	1.231,33
SAÍDAS	
Diagramação Echus 135	480,00
Antecipação p/Seminário XII Encontro	300,00
Renovação CAIXA POSTAL	70,00
Despesas Bancárias	37,05
TOTAL SAÍDAS	887,05
SALDO ATUAL 31 .01 .2015	12. 484,16
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.11.2014 a 31.01.2015, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Antonio Orzari, Asdrubal Angelo Baruffaldi, Helio Rodrigues, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, Luiz Gonzaga Cruz, Roberto Delgado de Carvalho e Vicente de Paulo Moraes. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo, Alfredo Barbieri, Antonio Jurandy Amadi, Asdrubal Angelo Baruffaldi, Attilio Brunacci, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Edson Soares da Cruz, José Lui, José Moreira de Souza, Letterio Santoro, Luiz Loureiro, Pe. Otto Dana e Paulo Francisco Toschi.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, Caixa

Postal 71.509, Cep 05020-970, S.Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail : echus@zipmail.com.br ; echusdoibate@gmail.com
- Blog do Ibaté: www.imate-sp.blogspot.com
- E-mail do Blog do Ibaté: imate.sp@gmail.com
- "Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Twitter Amigos do Ibaté: <http://twitter.com/echusdoibate>
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens: links <http://177.103.223.197/Echusdo>

Diagramação:
Conexão Propaganda (11) 4063-9081



conexão
propaganda